

Germinal!

Semanario Anarquista

Administração: R. Felipe — Redacção: Florentino de Carvalho — Caixa postal, 134 — S. PAULO (Brasil)

ASSINATURA

Anual 10\$000

Semestral 6\$000

A crise actual

Uma profunda apreensão compunge todos os corações impressionados pelo triste momento que atravessamos e por um futuro calamitoso de espantosa miséria que se avizinha.

A coalizão capitalista realizada nestes últimos tempos, para manter o preço dos gêneros de primeira necessidade e os alugueis de casas, numa elevação formidável que reduziu consideravelmente o consumo, em prejuizo das classes operarias, — já se vê — que se viram e se veem privadas dos mais indispensáveis gêneros de manutenção e de abrigo, e acanhadas como sardinhas, nos casebres que, a bem da saúde publica deviam ter sido devorados pelas chamas, havia já creado uma situação desesperante que explodiu em protestos colossais por todo o Brasil, sem resultados práticos, porque a falta de uma poderosa organização proletaria e uma superior cultura popular, não permitiram a realização de um movimento popular épico, que puzesse em perigo as instituições.

Esta situação apparece a crise monetaria internacional pelo retraimento quasi unanime do capital, causado pela guerra balcanica e pelo perigo de um conflicto general europeu.

Estamos, pois, observando que as nações collectivizadas organizadas no Oriente pelo papado, que luta por alastrar o catolicismo; pelos grandes financeiros que pretendiam e conseguiram centuplicar os seus capitais em empréstimos, fabulosos e pelas grandes empresas fabricantes de armas e outros petrechos bélicos, que necessitavam dar saída aos seus stocks, não causaram somente a morte, a ruína, o pranto e desolação e o devastamento dos países acoutados pelo massacre de soldados e de pacíficos habitantes, que pereceram ás centenas de milhares nas mãos dos monstros que em nome da patria deceparam vidas por empreitada, desonrando donzêlas e trazendo, como bandeiras de gloria, numerosas criancinhas espetadas nas pontas das baionetas, causaram a ruína de toda a familia humana.

Essa carnificina paralizou o movimento agrícola, industrial e comercial; por ela as empresas paralizaram as suas explorações á falta de consumidores e despediram e continuam despendendo milhares de operarios, multiplicando enormemente o numero dos sem trabalho, e aumentando a concorrência na oferta de braços que, por sua parte, motiva a redução dos salarios.

Ao terrivel morticínio pelas armas succede um morticínio universal pela miséria. No Brasil esta situação manifesta-se muito mais sensivel porque uma parte dos capitalistas interessados na desvalorização momentanea do café, propalaram que a safra deste anno seria colossal.

Outra causa, talvez a mais importante do desastre economico, é o perigo de uma revolução imminente, provocada pelas candidaturas presidenciais.

Os capitalistas, com os seus jogos financeiros, e os politicos, com o seu civismo, o seu patriotismo e os manjeiros eleitorais, arruinam a vida da população, paralizam o trabalho e arrastam o povo ás mais horripilantes indigências... e ninguém protesta; só se sabe protestar quando os trabalhadores se declaram em greve, ou quando bradam contra os latifundios que o Estado realiza com o dinheiro arrancado á viva força, como saqueador de estrada, ao povo, que está cansado de produzir para os que não trabalham.

Em todo o Brasil as fabricas, oficinas e outros estabelecimentos de trabalho estão fechando as suas portas, e os desocupados, não encontrando trabalho em parte alguma, como acontece, podem prever as conse-

quências desta normalidade capitalista, que muitos se negam a combater.

Os patriotas podem estar satisfeitos.

A patria é o sustentaculo dos limites nacionalistas, da luta de conquista, da guerra com todos os seus horrores e crimes, do capitalismo e da propriedade, que são a origem da miséria; braço forte do Estado e das instituições do clero e do militarismo, que submetem os povos pelo fanatismo e pela espada; alicerce de todas as perturbações e todas as violências. Os nacionalistas podem lavar as mãos nos lagos de sangue derramado pela plebe nos campos de batalha, em favor da accumulção de grandes capitais e dominios para as castas dirigentes, e para o poder e grandeza dos imperios, que aumentam o seu despotismo em razão da sua força.

Os civicos podem bater palmas, aplaudindo uma situação angustiosa, determinada pelas lutas presidenciais corruptoras de todos os que fazem caso dessas fantochadas e estúpidas idolatrias, criadoras de novos reis ou tiranos, que são a antítese de todas as liberdades.

Que importa ao povo, que seja presidente Rui Barbosa ou o Pinheiro Machado?

Vai algum deles abolir a propriedade individual, decretar a dissolução do Estado com todas as suas instituições—únicos motivos que poderiam interessar ao povo?

Nada disso: seja quem for o que governar ele tratará de defender a propriedade, o Estado, a exploração e todas as misérias, vícios e corrupções que sirvam para emburlear as massas e tornalas mais governaveis.

Eles procuram o mando, o esplendor, a grandeza, e tudo isso só o conseguem á custa do aviltamento e depauperamento da população.

O facto é que o impressionante momento presente, terrivel preludio do porvir, dá a voz de alerta a todos os deserdados da fortuna, dizendo-lhes que se apremem para lutar ou para morrer.

E' hora de que todos tratem de agir contra os politiquêiros, contra os agiotistas, que reduzem o povo á miséria, e se preparem para a expropriação e para a resistência armada contra as forças do governo, afim de que não aconteça como em Valparaíso, por ocasião dos ultimos terremotos, em que as companhias da guarda republicana fusilavam todos os famintos que recolhiam os escombros em procura de um pedaço de pão.

Florentino de Carvalho

O terror em Santos

A cidade de Santos acha-se occupada militarmente.

Em toda a extensão do cães estão apostadas numerosas forças de policia.

O estado de sitio está implantado naquela localidade, apesar de o movimento operario estar neste momento, limitado a uma pequena greve nas pedreiras da Companhia Constructora.

A imprensa está fazendo uma propaganda alarmante para que os capitalistas caiam com o cobre em troca da defesa dos seus interesses, e para que a policia efectue prisões de trabalhadores.

Essa imprensa propala o boato de uma greve geral de todas as classes operarias, sendo que ainda não pensaram em tal cousa.

Mas os proprietarios do jornalismo não podem ir adiante se não espalham boatos alarmantes e se não propagam o escandalo, o assassinato e toda sorte de crimes, com os quais chamam a atenção do publico e obrigam os promotores

das grandes falcatrias a cobrirem as mesas das redacções com libras esterlinas, para que se mantenha sem mácula a aureola da sua honradez e honorabilidade. Com os trabalhadores é que não se ha de consentir que se especule ou se roube, sacrificando a sua liberdade.

Estes jornalistas precisam uma repreensão que os iniba de fazer fortuna com as prisões e perseguições dos trabalhadores.

Ja é demais.

Os partidos politicos

Os financeiros converteram as camaras em instrumentos doces ás suas vontades.

Porém, é necessario que o público tenha conhecimento disso, e para consegui-lo, organizaram uma «mise-en-scene» engenhosissima, destinada a contenta-lo, a apaixonar-lo e a impedir-lhe que veja a realidade. É uma especie de comedia na qual ha:

1. — Actores que fingem bater-se, e que são os partidos politicos,

2. — Directores que dispõem da «mise-en-scene» e a ordem dos quadros que hão de representar-se; estes directores são a Igreja católica, a franco-massonaria, etc.

3. — A «claque»; uma «claque» bem organizada, numerosa, arruaqueira quando se julgar necessario que o seja: a imprensa.

Examinemos, um depois do outro, estes tres aparelhos, com ajuda dos quais se faz mover a opinião pública.

Quando um candidato a deputado encontrou dois ou tres comanditarios de importancia que paguem ao menos em parte as despesas da eleição; quando reuniu em torno dele um comité de abastecedores, bodegueiros, funcionarios e outros agentes eleitorais que lhe garantem a eleição em troca de despesas de fumo, de cacaecios, de elevação de postos, etc.; quando, finalmente, reuniu em volta dele todo um sindicato de interesses locais cuja sorte está fortemente ligada ao éxito da sua eleição, então é quando pensa na massa de eleitores neutrais, de politica não definida, que constituem um grande numero e que, por isso mesmo, considera de extrema necessidade atraí-los. Para isto o candidato elabora um «programa».

Todo bom cidadão espera sempre do Estado o melhoramento da sua sorte. E' necessario, portanto, fazer a cada um promessas de conformidade com os seus interesses e desejos.

Desgraçadamente nem todos tem as mesmas aspirações. Cada classe social tem as suas, opostas quasi sempre ás da classe vizinha.

Teoricos engenhosissimos, intellectuais avisados e subtilezas, esforçam-se em formular o mais exactamente possivel o ideal de cada classe. O candidato não tem pois

outro trabalho do que escolher o programa que tenha mais conformidade com as aspirações dos seus eleitores, o que nem sempre é facil, pois num mesmo municipio existem ao mesmo tempo operarios, camponeses e burguezes. Neste caso é preciso elaborar um programa complexo. Promete, por exemplo, a socialização dos meios de produção, jurando, porém, que se respeitara a pequena propriedade do campo. Se pretende alcançar os votos dos radicais declara que a Republica social deve ser antes de tudo libertada do obscurantismo clerical, e se, pelo contrario, tem necessidade dos votos dos reaccionarios, afirma que o anticlericalismo é uma «desviação».

Sem duvida que tudo isso não é muito logico, e que num mesmo programa ha muitas afirmações que se contradizem. Mas que importa? Os eleitores não prestam atenção a cousas de tão pouca importancia.

Quanto mais variado seja o «menú», mais certeza terá cada qual de encontrar um prato de accordo com o seu paladar.

Jamais os leitores de boa fé se detiveram a considerar até que ponto estas questões de principios são indiferentes aos candidatos.

Enganado pelas descrições dos jornais, o eleitor discute seriamente os programas, segue apaixonadamente as lutas, fala delas na fábrica e nelas pensa quando está na sua casa.

Os inocentes imaginam que todos aqueles bravos que tanto falam e brigam continuamente na Camara, lutam por melhorar a sua sorte. O jogo está feito e o eleitor, preso na engrenagem politica, da qual já não poderá livrar-se, deixar-se ha mansamente conduzir pelo seu deputado, o qual segue o chefe do grupo, que por sua vez trata com um ministro, que obedece ao mesmo tempo ao financeiro.

FRANCIS

Aos anarquistas de S. Paulo

Para tratarmos de activar a propaganda libertaria, convidamos a todos os anarquistas e simpatizantes a comparecerem á reunião que se realizará na terça-feira, 8 do corrente, ás 7 horas da noite, no local sito á rua do Riachuelo, no. 43.

Esperamos tambem a presença dos grupos libertarios desta cidade.

Varios lutadores

Para a solução de um problema

Vemos sempre, com pesar, como muitos militantes abandonam o campo da luta.

Este abandono deixa no movimento emancipador, por um certo tempo, uma lacuna sensivel, que afecta o pusillanimos e os iniciados.

Se os que batem em retirada são gente de destaque na luta e contam com alguns idólatras, admiradores, ou exageradamente simpatizantes, fazem um mal maior á propaganda, porque levam tras de si todo o seu estado maior.

O peor ainda é quando, de proletarios, passam a ser proprietarios.

Aquele que se faz negociante o consegue ganhar a vida independentemente, ainda é sofrivel, mas aquele que aceita um posto de capataz, encarregado, ou patrão, empreiteiro de qualquer industria, então é o caso de levar as mãos á cabeça.

Entre os capatazes é o mais exigente; entre os administradores o mais insolente, e mais sagaz, o mais habil para escravizar os trabalhadores; entre os patrões é o mais explorador, o mais temivel, por ser mais conhecedor da luta social.

Claro está que nem todos se salientam nesta regra de saber viver, mas a generalidade não se aparta destas modalidades.

E' de grande interesse para a causa, empregar os melhores meios para evitar-se que os nossos companheiros tenham occasião de passar para o outro lado...

E' um beneficio para todos.

E' logico que cada um trate de independizar-se, mas esta tendência não deve servir de pretexto para que os aspirantes que teem alguma facilidade de livrarem-se, em parte, do patronato, não passem a ser exploradores e opressores dos seus companheiros.

O que iniciar um trabalho por sua conta, deve fazelo ele proprio, e quando precisar do concurso dos mais, deve associar-se com eles, realizando o serviço em comum e repartindo os beneficios em partes iguais, contribuindo com a sua quota parte para conservar ou adquirir o material necessario para o trabalho.

Algo se faz já, segundo este método. O Centro «A Conquista do Porvir», segue relativamente esta orientação, digo relativamente por que não estipula o salario minimo equitativamente para todos; somente os saldos é que são distribuidos por uma forma igualitaria.

Este centro não accumula capitais, evitando o perigo de que entre os seus associados se desperte o egoismo.

Uma parte dos seus saldos é invertida na propaganda.

Não é ainda tudo o desejavel, mas vai por esse caminho.

O principal é destruir o factor determinante da ambição, da avaricia, da comodidade parasitaria ou da responsabilidade de qualquer serviço ou empresa.

Estes factores degeneram o homem, convertendo em refinado ladrão e malandro, o trabalhador mais honrado e consciente.

Os factores determinantes são principalmente a protecção e o pequeno capital, accumulado sempre, a custa da estafa ou da fome.

Acabe-se com a maldita protecção, e aplique-se o boicotage, o label e o sabotage aos elementos de trabalho e outras propriedades dos operarios conscientes que se iniciem na exploração.

E' uma obra de justiça e de solidariedade.

La Barricata

PERIODICO ANARCHICO

Gli anarchici e l'Anarchia NEL BRASILE

CIO' CHE E' NECESSARIO FARE

La teoria anarchica di demolizione e ricostruzione sociale è un ideale conosciuto e da molti propagato.

E' un ideale che dovrà trionfare, perché non si langue nelle galere, non si versa il sangue, non si lascia la vita sul patibolo inutilmente, per una cosa irrealizzabile.

Quando un'idea ha i suoi martiri, i suoi storiografi; quando un principio attira l'attenzione feconda dei sociologi, dei filosofi, degli artisti; quando un'utopia penetra nell'osservanza nelle università e nelle accademie, e prende consistenza di fatto reale, non è vana illusione credere al suo trionfo; non è più vaneggiamento di mente esaltata il cantarla ed affermare il suo prossimo avvenimento.

Su tutti i sofismi, coi quali si pretende giustificare il barbaro ordinamento economico, politico, sociale dell'oggi, l'analisi scientifica, la critica anarchica ha trionfato.

La generalità degli uomini oggi non crede più al prete, dubita sull'esistenza di dio, fa il soldato a malincuore o per evitare il fucilaggio, ed è patriotta per pura convenienza affaristica.

La scienza e la letteratura contemporanea agitano qualcosa di ammezzante, di anarchico; in tutti i campi vi è qualche pensiero, qualche concetto, qualche attività umana prettamente anarchica.

La libera concentrazione dei capitali e la spartizione degli interessi non è fatta forse secondo il principio anarchico? Ognuno secondo le proprie forze, a ognuno secondo i suoi bisogni.

Con la sola differenza che l'anarchico a per proprie forze il lavoro, il sapere, la volontà; e il capitalista invece a il capitale; per il primo è l'uomo con le capacità e con i bisogni che rappresentano il valore, per il secondo invece è il capitale.

Per il primo l'uomo dà tanto ed a bisogno di tanto, per il secondo è il capitale che dà tanto e di tanto ha bisogno. Semplice però secondo l'anarchizzazione borghese.

Non sono più dieci, venti, cento che gridano per le strade, nei comizi, nei teatri, evviva l'anarchia! sono migliaia, milioni di uomini che all'anarchia ci credono; che d'anarchia parlano, discutono e per l'anarchia lottano.

Nei laboratori scientifici, nelle officine, nelle miniere, sui campi e sui mari, nelle scuole l'anarchia è discepoli, propugnatori... e credenti.

E se l'influenza diretta sui movimenti sociali non è equivalente al valore della idea ciò è solo in apparenza, perché se l'umanità ha progredito, se vi è qualcosa (sia pur insignificante) di trasformato, lo è in grazia della piccola schiera di oppositori e agitatori che con la parola o con lo scritto, vanno risvegliando le assopite coscienze addormentate dal lucido avvenire; provocando nella classe dominante il bisogno di concedere e camminare per opporsi alla nostra trionfale marcia che inesorabilmente la schiaccia.

Alla borghesia, «classe sociale barbara, quanto si vuole», non si può negare di aver tra i suoi degli uomini cattivi ma intelligenti, i quali comprendono benissimo che, l'anarchia cammina e si afferma con tanta forza, che potrebbe, essendo violentemente ostacolata nella sua ascesa, in un subito manifestarsi di odio e di ragione travolgere tutto e tutti nel gorgo d'una rivoluzione vindice, e che il male sofferto non perdonerebbe.

Comprende e si difende come e meglio che può, con tutte le armi a sua portata: ipocrisia, falso onore, falsa pietà per gli umili, con le violenze con la prigione; si difende educando alla sottomissione, approfittando della sensibilità, ubriacando con parole astratte, creando idoli, eroi, patrie, onori, dignità, che non esistono.

L'umanità va innanzi evolvendosi gli spiriti, preparando la rivoluzione delle rivoluzioni.

Qui siamo in un paese nuovo, la libertà è un'ironia; il modo con cui sono trattati gli operai è una vergogna.

Bisogna finirlo. Siamo nell'anno 1913 e i produttori dell'immense ricchezza non possono ancora ra-

donarsi a comizio per far valere le proprie ragioni, non possono liberamente associarsi, non possono domandare quello che vogliono, dire quello che pensano senza che un rufiano della magna polizia non lo acciuffi, picchi, e scaraventi nelle fetenti sale delle pubbliche prigioni.

Se la legge fosse uguale per tutti non si capirebbe le riunioni dei fazeideiros, i comizi nelle piazze pubbliche tenuti dalle camorre politiche pro Rui Barbosa, o i discorsi pronunciati ai piedi d'un monumento pure in una pubblica piazza da un tizio a un enorme moltitudine.

Tutti possono parlare, gridare, applaudire in istrada a teatro, sui tram dovunque... tutti fuorché gli operai!

Questi sono perseguitati, tenuti d'occhio, sciolti dappertutto come fossero delinquenti sfuggiti al parlamento «pardon» alla penitenziaria.

In tutte le parti del mondo gli operai possono organizzarsi comiziare processione per le strade dimostrativamente; questa è una libertà concessa fianco dalla tirannia americana ai colorati del nord America. In tutti i paesi, tutte le volte che i conservatori tentano sopprimere il diritto di trasformare la piazza pubblica in foro popolare c'è stato del sangue.

Cittadini e monturati si son gettati gli uni su gli altri, è dopo la lotta, il diritto ha sempre trionfato.

Quel il comizio, la riunione è alla mercé degli assassini, agenti segreti autorizzati a rompere la testa ed ammazzare anche chiunque osasse disobbedire.

Quel come altrove non mancano le occasioni per affermarsi efficacemente; e a detta di molti non manca neppure gli elementi, ma siamo impreparati, disorganizzati, dispersi, incerti. Le proteste solitarie reclamano sacrifici enormi, e portano ben pochi benefici.

Attualmente i nostri più attivi compagni vengono imprigionati, torturati, espulsi, la fame minaccia farsi sentire terribile inesorata.

Ed ecco dopo la febbre di valorizzazione che arricchì molti parassiti, la crisi sopraggiungere fatale e far sentire il suo peso alla misera classe dei lavoratori.

Ecco i politici pronti a gettare i loro ossequenti, «capanga», un contro l'altro, pronti magari a far fare la rivoluzione per insediarsi al cattete; ecco il farabuttismo imbandirsi, e commettere ogni sorta di vigliaccherie contro l'operaio, che sa di sorganizzato e fiacco.

E noi? Possiamo noi opporre una valida resistenza a tanta fioritura di bestialità umana?

O dobbiamo invece assistere impotenti allo spettacolo doloroso di un popolo che dimentica i suoi più vitali interessi, che rinnega ogni sentimento di giustizia e di libertà, e si fa strumento vile di produzione e conservazione in mano dei suoi stessi aguzzini che opprimono e dissanguano tutta una classe ricca d'energie di volontà, d'idee e d'amore?

Oggi dopo tanti anni il momento sarebbe propizio per raccogliere le nostre forze e iniziare una larga sistematica propaganda di preparazione.

Gli operai sono egoisti, e sfiduciati; bisogna vincere la sfiducia, ed essere pronti ai prossimi eventi.

La classe operaia, e noi stessi siamo, oggi inerti e impotenti perché divisi, umiliati, mettiamoci d'accordo sul da farsi, andiamo noi che pretendiamo d'essere i più giusti, nelle organizzazioni, andiamo noi ad orientare impulsione i movimenti di emancipazione proletaria, e vedrete, che qui con noi nelle associazioni non si verificherà quello che per disgrazia dell'umanità si è verificato nelle altre nazioni.

Chi crede di disonorarsi, organizzandosi legga come venne definita teoricamente e praticamente l'idea anarchica.

Il Ladro

Arturo Ranc ci ha lasciato questa definizione:

L'Anarchia è l'eliminazione dell'autorità sotto i suoi tre aspetti politico, sociale e religioso; è il contratto che si sostituisce

alla sovranità; è l'arbitrato che si sostituisce al potere giudiziario; è il lavoro non organizzato da una forza estranea, ma organizzantesi da sé; è il culto che sparisce come funzione sociale per adeguarsi alle manifestazioni individuali della coscienza libera; sono i cittadini che contrattano non col governo ma tra di loro; è infine la libertà, è l'ordine. Libertà ed ordine sono termini correlativi che si risolvono in un terzo termine più generale, nell'anarchia, nell'eliminazione radicale del principio di autorità sotto qualsiasi forma.

Pietro Kropotkine in una conferenza fatta a Parigi nel 1886 così riassume l'idea anarchica:

Libertazione del produttore dal gioco del capitale. Produzione in comune e consumo libero di tutti i prodotti del lavoro comune.

Libertazione del cittadino dal gioco governativo. Libero sviluppo degli individui nei gruppi e dei gruppi nelle federazioni. Organizzazione libera dal semplice al composto, secondo i bisogni e le tendenze mute.

Libertazione dell'uomo interno dalla morale religiosa. Morale libera, senz'obbligo né sanzione, sviluppata della vita stessa della società e passata allo stato d'abitudine.

Enrico Malatesta ha formulato questo nostro programma:

1. Abolizione della proprietà privata della terra, delle materie prime e degli strumenti di lavoro perché nessuno abbia il mezzo di vivere sfruttando il lavoro altrui, e tutti avendo garantiti i mezzi di produrre e vivere, senza veramente indipendenti e possano associarsi agli altri liberamente, per l'interesse comune e conformemente alle proprie simpatie.

2. Abolizione del governo e di ogni potere che faccia la legge e la imponga agli altri: quindi abolizione di monarchie, repubbliche, parlamenti, eserciti, polizie, magistrature, ed ogni e qualsiasi istituzione dotata di mezzi coercitivi.

3. Organizzazione della vita sociale per opera di libere associazioni e federazioni di produttori e di consumatori, fatte e modificate secondo la volontà dei componenti, guidati dalla scienza e dall'esperienza e liberi da ogni imposizione che non derivi dalle necessità naturali, a cui ognuno, vinto dal sentimento stesso della necessità ineluttabile, volontariamente si sottomette.

4. Garantiti i mezzi di vita, di sviluppo, di benessere ai fanciulli, ed a tutti coloro che sono impotenti a provvedere a loro stessi.

5. Guerra alle religioni ed a tutte le menzogne, anche se si nascondono sotto il manto della scienza. Istruzione scientifica per tutti e fino ai suoi gradi più elevati.

6. Guerra al patriottismo. Abolizione delle frontiere; fratellanza fra tutti i popoli.

7. Ricostituzione della famiglia, in quel modo che risulterà dalla pratica dell'amore, libero da ogni vincolo legale, da ogni pressione economica o fisica, da ogni pregiudizio religioso.

Pietro Kropotkine ci ha pure dato quest'altra dichiarazione di principi:

Quello che sia l'anarchia, quello che siano gli anarchici, eccolo qua:

Gli anarchici, sono cittadini i quali, in un secolo in cui si predica dappertutto la libertà delle opinioni, hanno creduto loro diritto e loro dovere propugnare la libertà illimitata.

Si, noi siamo nel mondo, migliaia, milioni forse — giacché noi non abbiamo altro merito che quello di dire, ad alta voce, ciò che la folla pensa sommessamente — noi siamo milioni di lavoratori, che rivendichiamo la libertà assoluta, null'altro che la libertà, tutta la libertà.

Noi vogliamo la libertà, vale a dire reclamiamo per ogni essere umano il diritto e il mezzo di fare quanto gli pare e piace, e di non fare ciò che non gli pare o non gli piace di fare; di soddisfare integralmente tutti i suoi bisogni, senza altro limite che le impossibilità naturali e i bisogni, senza altro limite che le impossibilità naturali e i bisogni del vicino egualmente rispettabili.

Noi vogliamo la libertà e crediamo la sua esistenza incompatibile con l'esistenza di un potere qualsiasi, qualunque ne sia

la forma sua: sia eletto od imposto, monarchico o repubblicano, s'ispiri al diritto divino o al diritto popolare, alla santa ampolla od al suffragio universale.

Egli è che la storia sta lì per provarci che tutti i governi si assomigliano e si equivalgono. I migliori sono i peggiori. Più cinismo negli uni, più ipocrisia negli altri. In fondo sempre gli stessi procedimenti, sempre la stessa intolleranza. Perfino i più liberali in apparenza, hanno in riserva, sotto la polvere degli arsenali legislativi, qualche buona leggina sull'Internazionale ad uso delle opposizioni seccanti.

In altri termini, agli occhi degli anarchici, il male non risiede in questa forma di governo piuttosto che in quell'altra. Esso è nella stessa idea governativa, nel principio d'autorità. In una parola, la sostituzione nei rapporti umani, del libero contratto perpetuamente rivedibile o risolubile, alla tutela amministrativa e legale, alla disciplina imposta, tale è il nostro ideale.

Gli anarchici si propongono, dunque, di insegnare al popolo a far a meno di dio.

Esso imparerà egualmente a fare a meno dei proprietari il peggior dei tiranni, infatti, non è quello che vi opprime, non è quello che vi prende per il collo: è quello che vi prende per la pancia.

Non c'è libertà senza eguaglianza. Non c'è libertà in una società, in cui il capitale è monopolizzato da una minoranza che va stringendosi ogni giorno, e nella quale, nulla è egualmente ripartito, neanche l'istruzione pubblica pagata pure col denaro di tutti.

Noi crediamo che il capitale, patrimonio comune dell'umanità, giacché è il frutto della collaborazione delle generazioni passate e delle generazioni contemporanee, debba essere messo a disposizione di tutti, in guisa che nessuno possa esserne escluso; che nessuno, d'altra parte, possa accaparrare una porzione a detrimento del resto.

In una parola, vogliamo l'uguaglianza di fatto, come corollario o piuttosto come condizione primordiale della libertà. Da ognuno secondo la sua facoltà; a ognuno secondo i suoi bisogni; ecco quel che vogliamo sinceramente ed energicamente; ecco quel che sarà, giacché non c'è prescrizione che possa prevalere contro rivendicazioni, insieme legittime e necessarie. Ecco perché si vuol dannarci a tutti i vituperi.

Scellerati che siamo! noi reclamiamo il pane per tutti, per tutti pure l'indipendenza e la giustizia.

Lettera aperta a Umberto Serpieri

Vi parrà strano, che una donna si occupi di voi! — e forse avrete ragione, — di certi esseri non bisognerebbe mai parlarne; ma siccome non scomparisco dal mondo, anche se di loro non ci si occupa, e in vita sono sempre nocivi a l'umanità, così prendo la penna per domandarvi e ricordarvi qualcosa.

Vedete signor Umberto Serpieri, un tempo — o è molto lontano quel tempo — Carducci scriveva i suoi focusi versi le sue prose repubblicane e Garibaldi combatteva per l'unità d'Italia per il bene del suo popolo; il sangue scorreva per le vie, i poeti i pensatori palemezzavano sui giornali difendendo le loro idee; io allora ero giovane e facevo all'amore con un repubblicano; tra noi ci furono molte discussioni, perché non vedevamo in una medesima maniera d'un colore uguale tutte le cose; pure io gli volevo bene, perché viveva onestamente lavorando; scriveva per un giornale repubblicano e con entusiasmo correva alla chiamata, del suo duce, — per far trionfare la repubblica — come diceva lui. E' morto da molto tempo, pure io serbo un dolce ricordo di lui — la sua onestà!

Aveva abbandonato la famiglia per divergenze politico-sociali, lasciò l'impiego perché il padrone era un borghesaccio che in nome della monarchia s'era arricchito e osava insultare Mazzini; immaginatevi, insultare Mazzini alla presenza di un repubblicano come il mio ora defunto innamorato. Ma io sto qui a raccontarvi delle cose che non hanno nulla che vedete con voi e la vostra «missione».

Dite un po' o illustre Serpieri, voi che

rimproverate a Rochefort il suo «viramento de casaca» cosa siete venuto a fare costì?

Perché siete fuggito da Ravenna? Perché avete abbandonato il vostro repubblicano partito, dopo d'averlo appestato e distrutto in lui ogni carattere; dopo averlo arricchito di quella fede bottegaia che si cede al miglior offerente?

Signor Serpieri via un po' di carattere! un po' di sincerità non sta' male ad alcuno.

Perché dopo d'aver spinto operai contro operai: dopo aver portato la sfiducia ed il disordine nel campo proletario lo abbandonate a se stesso, e fuggite la cara patria, e venite collaborare in un giornale che ha venduto gli italiani a un branco di fazendeiro, tedeschi, turchi, italiani, brasiliani, ladri tutti e assassini dei coloni?

Via signor Serpieri, giù la maschera, dite francamente con tutta la fiera del venuto che sa di vendersi: venni in America a prendere la «gialla moneta».

Non ingannate i miseri lavoratori che dall'Italia fuggirono per fame e qui vennero in cerca di un pane; non insultate questi sgobboni, pieni di reumi e di tracoma, che trascinano con sé la miseria morale e fisica inculcatagli dall'Italia fatta dai garibaldini, e dissanguata dai re d'una vile monarchia, e dagli apostoli d'una turpe repubblica.

Nascondete le repubblicane vergogne e non criticate i morti quando vi sono tanti vivi da combattere, lasciate in pace Rochefort, che non era un Serpieri, fateci sapere dove abitano «quelle signore» come fanno i vostri colleghi e amici di redazione.

Ammazzatevi e credetemi vostra disprezzatrice
Berta.

S. Paulo 3-7-1903.

Verso l'anarchia

Il Governo

Non appena un dato numero di uomini liberi, suggiugarono altri uomini e crearono la legge che sanciva nei vincitori il diritto di comandare, e nei vinti — schiavi il dovere, l'obbligo di obbedire, ebbe origine il governo, che significa oppressione dei forti sui deboli, classe di ricchi e di nullatenenti, di sfruttatori e di sfruttati, di padroni e servi.

«Lo Stato — Governo — dice Spencer, si è formato dall'oppressione e per l'oppressione».

Vari furono coll'andar del tempo i nomi e le forme prese dal governo, ma la sua assenza cangiò mai.

Oggi, più che mai, la parola governo significa il genere umano, divisi in combriccole di privilegiati che col pretesto d'una necessità di governo, sfruttano la gran massa del popolo a loro, politicamente ed economicamente soggetta: oggi più che mai significa ineguaglianza di condizione, guerra, oppressione, antagonismo di interessi, sfruttamento di classe, miseria di popolo.

Il governo sono io; io il capitale, la patria — può dire la borghesia parodiando Luigi XIV!

Di vero.

Chi governa presentemente, chi fa le leggi e con la forza le mantiene in vigore?

— La classe borghese.

Detto leggi in favore di chi sanciscono il privilegio? — In favore della classe borghese.

Il governo, il sommo rappresentante dei privilegi borghesi, come la religione, trova la forza

A Anarquia

morale che lo sostiene, nell'ignoranza, nel pregiudizio, nell'abbruttimento del popolo. Trova la forza materiale nella gerarchia d'un esercito sbraccio, gerarchia che parte dal ministero degli interni e scende giù, giù, al prefetto, al questore, al delegato, al giudice, al pretore, al carabiniere, al poliziotto, alla guardia carceraria, alla spia.

Di fianco a quest'esercito mercenario, nelle grandi occasioni, quando il popolo innalza il grido straziante della fame reclamando il diritto dell'esistenza è minaccia infrangere le proprie catene, il governo, di fianco alla guardia dia P. S., al delegato, fa schierare il soldato, il quale sbirro per forza, è obbligato a spianare l'arma omicida contro ai propri fratelli di sangue e di sventura.

Continua

Anarchici di S. Paulo

Vari lottatori volenterosi volendo riattivare la propaganda libertaria, invitano tutti anarchici e simpatizzanti ad intervenire alla riunione che si terrà martedì 8 corrente alle 7 pm. in via Riaschuelo 43.

Chi spera, chi sente la necessità, chi ama la lotta non manchi.

Vari lottatori

Da Ribeirão Preto

Il 15 corr. nella sacra bottega diretta dal sig. Pietro Savelli venne festeggiato il gran santo delle bestie — Sant'Antonio. Però — furbo il Savelli! — visto che il santo — mantengolo degli imbroglioni — cadeva in un giorno di lavoro, annunciò nel suo sudicio «Bollettin di S. Antonio» che la festa si sarebbe fatta la domenica 15 corr. — giorno per lui molto più lucroso.

Il giorno — fatale alle tasche degli imbecilli — un'assordante squillo di campane chiamava a raccolta il pecorume, implorando grazia al santissimo porcone.

Alle quattro la gran processione, girò per la città — come una prostituta — affumicando il santo e accompagnata da tutto il pecorume e da tutti suoi ladri — perdon — preli.

Terminata la processione il pecorume, — bestie di poca considerazione — andò al «cilaio» a comperare gli oggetti da esso offerti al santo mantengolo, e dai suoi astuti apostoli — ladri — venduti a prezzi si favolosi, che mai in parte alcuna si vide traffico più esoso, furto più spudorato coperto dal manto della — santa — religione.

O tede, o fede religiosa, potremmo noi domandare ai coloni che si facilmente si lasciano sfruttare, qual bene, quai vantaggi tu li porti.

Ma ragionano le bestie? No! e quegli infelice carne da cannone e da strapazzo ci guarderebbe in cagnesco, tacciandoci di banditi scomunicati e allontanandosi da noi come da cani idrofobi.

O come il clero a saputo idiotizzarli, o come le religioni atrofizzarono i loro cervelli.

Giovanni Pardini

Due parole caro Pardini ed è per dirti ciò che tu sai: l'umanità è calpesta, massacrata, turpitanata, dai preti, dai borghesi, dai governi e da tutta una falange di vili che commerciano sull'altrui ignoranza, sull'altrui buona fede.

Tu sai che l'ignoranza e la fede di cui essi si nutrono sono ad essi distribuite da chi ha bisogno — per esistere — della fede e dell'ignoranza altrui.

Patris, Chiesa, Borghesia, ecco le tre figlie e le tre madri della signora ignoranza e della signorina fede; ecco le tre granitiche colonne sulle quali, terribile e tranquillo sta sua maledizione il denaro.

Ecco le tre criminossime officine che — noi — col piccone o con la dinamite dobbiamo demolire affinché tutti i delitti commessi in loro nome siano: un triste obbrobrio passato.

Ma per far ciò, è necessario preparare gli uomini; i lavoratori del campo e delle officine devono saper difendersi, e proibire che dopo la inevitabile caduta, gli audacissimi vampiri ricostruiscano l'odioso edificio.

Avanti dunque!

Il giornale, l'opuscolo, l'idea si faccia vedere dovunque, ma più specialmente da quelli che tu chiami — e in realtà oggi lo sono — bestie, ma che saranno domani, i liberi lavoratori della libera terra.

Salute e for-ever.

N. D. R.

Tudo quanto no passado constituiu um elemento de progresso ou um instrumento de aperfeiçoamento moral e intelectual da raça humana, foi devido á pratica do auxilio mutuo, aos costumes que reconheciam a igualdade dos homens, e os levavam a aliar-se, á associar-se para produzirem e consumirem, á unir-se para se defenderem, a federar-se para só reconhecerem como juizes, que resolvessem as suas questões, os arbitrios escolhidos entre si.

Todas as vezes que estas instituições creadas pelo genio popular, quando por um momento reconheciam a liberdade — todas as vezes que estas instituições tomavam na historia novo desenvolvimento, todo nivel moral da sociedade, bem estar material, liberdade, e progressos intellectuais e afirmação de originalidade individual entravam numa fase ascendente.

E, pelo contrario, todas as vezes que, no curso da historia, os homens, ou fosse após uma conquista estrangeira ou em razão do desenvolvimento dos preconceitos autoritarios, cada vez mais se dividiam governantes e governados, exploradores e explorados, o nivel da moral baixava, o bem estar do grande numero desaparecia para assegurar a riqueza a alguns, e o espirito do seculo diminuia logo.

E' o que a historia nos ensina e é d'ella que tiramos a nossa confiança nas instituições do comunismo livre, para levantar o nivel moral das sociedades, rebaixado pela pratica da autoridade.

Hoje vivemos juntos sem nos conhecermos. Num dia de eleição encontramos em meetings: ouvimos ali as profissões de fé mentirosas ou as fantasias de um candidato, e voltamos para casa.

O Estado tem ao seu cargo todas as questões de interesse publico e a função de velar por que não lesemos o interesse do proximo e, nesse caso, de reparar o mal castigando-nos.

O nosso visinho pode morrer de fome ou espancar os filhos — isso não é comnosco; isso pertence á policia.

Mal vos conheceis, nada vos une, tudo tende para vos alienar um do outro e, não achando melhor, pedir ao Todo-Poderoso, outrora era um deus, hoje é o Estado, para fazer o possível para impedir que as paixões antisociais atinjam os seus ultimos limites.

Isto muda forçosamente numa sociedade comunista. Não pode ser confiada a corpos legislativos, que se chamam parlamentos, concelhos municipais, concelhos comunaes, a organização do comunismo.

Deve ser a obra de todos, um producto do genio constructivo da grande massa; o comunismo não pode ser imposto, não viveria se não o mantivesse o concurso constante quotidiano de todos.

Consequentemente não pode existir sem crear um contacto continuo entre todos para os milhares de negócios comuns, não pode viver sem crear a vida local, independente nas mais pequenas unidades — a rua o bairro, a comune.

Não corresponderia ao seu fim se não cobrisse a sociedade de uma rede de milhares de associações para satisfazer as mil necessidades do luxo, estudo, divertimentos, distrações as quais não poderiam continuar a ser locais, mas necessariamente (tenderiam como já

acontece nas sociedade dos sabios, as uniões de ciclistas, as sociedades de salvação) a tornarem-se internacionais.

E os costumes sociaveis que o comunismo — embora parcial ao começo — devem forçosamente engendrar na vida, seriam já uma força incomparavelmente mais poderosa, para manter e desenvolver o nucleo dos costumes sociaveis, do que todo o aparelho repressivo.

Eis, pois, a forma — a instituição social — á qual pedimos o desenvolvimento do espirito de bom acordo que a Igreja e o Estado se encarregaram de nos impôr com os resultados lastimosos que demasiado conhecemos.

E estas reflexões, notai-o, contém a nossa resposta aos que afirmam que Comunismo e Anarquia não podem avançar juntos.

São, como vedes, o complemento necessario um do outro.

O mais poderoso desenvolvimento da individualidade, da originalidade individual — acentuado — bem um dos nossos camaradas — só pode produzir-se quando as primeiras necessidades de alimento e de abrigo forem satisfeitas, quando a luta pela existencia for simplificada e quando o tempo não for tomado pela mesquinhez da subsistencia quotidiana — a inteligencia, o gosto artistico, o espirito inventivo, o genio inteiro se poderão desenvolver á sua vontade.

O comunismo é o melhor fundamento do individualismo — não d'aquela que impele o homem á guerra de um contra todos e que é o unico que até agora se tem conhecido, mas aquele que representa o pleno desabrochar de de todas as faculdades do homem, o desenvolvimto superior do que ha de original nele, a maior fecundidade da inteligencia, do entendimento e da vontade.

Sendo este o nosso ideal, que nos importa que só se possa realizar inteiramente num futuro mais ou menos longinquo?

O nosso dever é separar primeiro, pela análise da sociedade, as tendências que lhe são proprias num momento dado da sua evolução e pô-las em relevo.

Em seguida por essas tendencias em pratica nas nossas relações como todos aqueles que pensam como nós.

E enfim, de hoje em diante, mas sobretudo durante o periodo revolucionario, demolir instituições assim como os preconceitos que entravam o desenvolvimento dessas tendencias.

E' tudo o que podemos fazer pacificamente e revolucionariamente; e sabemos que auxiliando estas tendencias a produzirem-se, trabalhamos para o progresso e que tudo o que se fizer contra essas tendencias só servirá para entrar a marcha do progresso.

P.

Luta Social

Protesto contra o Presidente do Conselho de Ministros da Republica Portuguesa

O «Centro de Estudos Sociais» enviou ao dr. Afonso Costa, Presidente do Conselho de Ministros da Republica Portuguesa, o seguinte protesto:

«O Centro de Estudos Sociais do Rio de Janeiro, tendo tido conhecimento das arbitrariedades ultimamente praticadas contra as classes operarias e os propagan-

distas de idéas avançadas, sendo assim violadas infamemente as liberdades de reunião e pensamento tão alardeadas no advento da Republica, resolveu unanimemente, na reunião hoje realizada, enviar-vos seu protesto energico, visto que sois o responsavel directo de tais atentados aos direitos do homem.

Pelo Centro de Estudos Sociais, o secretario: Francisco Viotti.

Em Cravinhos

Sob o titulo «Os Pioneiros», constituiu-se nesta localidade um grupo anarquista, que se dedicará a propaganda e a luta pelo Ideal.

Atendendo ao entusiasmo com que os bravos camaradas iniciaram esta associação libertaria é de esperar que farão muito em prol da emancipação humana.

Este grupo deseja estar em comunicação com todos os demais grupos e com os jornais de propaganda, para o qual pedem que cada folha anarquista lhes envie um exemplar e publique a noticia da nossa organização.

Pelo Grupo Anarquista «Os Pioneiros»

Montanari

Correspondencia libertaria

FRANCISCO MARINO (Bragança) — O camarada Joubert foi visitado pela sua familia, no dia 30 do mês passado. Elle está muito animado.

Não temos a obra de que falas.

Carvalho.

FELIPE — Recebemos o vale.

Carvalho.

Pro' Jubert

Soma anterior 282\$700

Espirito Santo do Pinhal

Ramonelli Orazzio, 5,000; Girolamo C. 5,000; Carmine Canelli, 1,000 A. C. 2,000; A. Celli, 1,000; Manacete Albim, 1,000; Pedro Castigliani, 2,000; Cenedini, 1,000; José Ganazzi, 1,000; Manelli, 1,000; Luigi Fonelli, 1,000; Calombo Alessandro, 1,000; Belerino Ferreira, 1,000; Gino Belintoni, 1,000; João Satter, 1,000; Felisberto de Souza, 1,000; José Gonçalves, 1,000; N. N., 1,000; Ferdinando Carrara, 1,000; Anibal Scapim, 3,000; Pedro Barconotte, 1,000; Domingos de André, 500; Yves Sones, 1,000; Calo Z. Domenico, 1,000; Carlo Bernardi, 1,000; G. S., 1,000; Ricardo Scapim, 1,000; Victorio Bernardi, 1,000; Atilio Carrer, 2,000; Giuseppe Regari, 1,000 Total 42,500

Campinas

G. Pelloia, 2,000; Ernesto Borchiero, 2,000; Jose Marques, 1,000; Angelo Belledonei, 1,000; R. P., 1,000 Paschoal Ponell, 1,000 Total 8,000

Sorocaba

Zacagnini Giuseppe, 1,000; Polizza Francisco, 1,000; Pelice Scalabrino, 1,000 Total 3,000

VOTORANTIM

Salvador de Oliveira, 1,000; Melquiades Santos, 3,000; Antonio Sanger, 3,000 Antonio Vial, 1,000 Laudelino Beranger, 2,000; Emilio Marques, 1,000; Fortunato Crapalos, 1,500; Manoel Belmonte, 1,000; Firmino Crespo, 1,000 Job Teixeira, 1,000; José Machado, 1,000; João Munhar, 1,000 Manoel Postigo, 1,000; Francisco Augusto, 1,000; Miguel Ramos, 1,000; Jesus Fernandes, 4,000; Alvaro Soares, 1,000; Pedro Barreto, 2,000; Luiz Gonçalves, 1,000; Estefano, 1,000; Carmem Garcia, 2,000; Francisca Costa 500; Rita Oliveira, 500; Victorio Nieri, 1,000; Francisco Ortega, 1,000; Francisca Caparoli, 500; Felipe Barberini, 1,000 Joaquim de Andrade, 1,000; Joaquim da Silva, 1,000; Julio Magagnato, 1,000; Luiz Nieri, 1,000; Manoel Londe, 500; Vicente Furtado, 1,000; Eulices 500; J. X. C. 500; X. 500. Total 43,000 Soma total 379\$200

Biblioteca popular di cultura libertaria

Opuscoli ora arrivati, che mettiamo in vendita a prezzo di costo.

Tito Lubrano — Alba di pace — Drama sociale in atti \$400
M. Bakounine — Dio e lo Stato \$300
Armando Borghi — Fernand

Pelloutier — nel Sindicalismo Francese \$300
Aristide Ceccarelli — L'Anarchia Volgarizzata \$200
Gli anarchici ed il regicidio di Monza — Autodifesa di Luigi Bertoni \$200
Enrico Malatesta — L'Anarchia Av. Marcellino Marcellini — I fattori sociali del delitto — importante studio \$200
Maria Rigier — Auto — difesa \$100
Elia Reclus — La Comuna di Parigi \$100

Tutta la collezione per 1\$200.
Per l'intero spese postali in più.
Indirizzare le richieste a Francesco Gattai, rua Amelia, 6 - S. Paulo.

Biblioteca do GERMAL

Pequena Biblioteca do GERMAL

Evolução e Revolução

— DE —

ELIZEU RECLUS

Obra de critica e doutrina anarquista com 150 paginas, nitidamente impressa em optimo papel e cuidadosamente traduzida pelo camarada Neno Vasco.

Em venda para beneficio do jornal, nesta administração, ao preço de 1\$500 cada exemplar.

Obras em Português

A 1\$500 encadernadas, e mais 200\$ po para o porte do Correio.
Nardau. As mentiras convencionaes 2 vols
Flamarion Habitantes dos outros mundos.
G. Benarb. O que é o Socialismo.
P. Ellsbacher. O anarchismo.
Novoco. A Emancipação da Mulher.
Carpenter. Prisões, Policia e Castigos.
C. Marx. O Capital, reis 1800 em brochura e 2500 enc.
Zola. A Derróada 2 vols.
Nana 2 vols.
O diário 2 vols.
A obra 2 vols.
A besta humana 2 vols.
Tolstoi. O Canto do Cisne.
Ana Karenine 2 vols.
Diderot. A Religiosa.

Obras de educação racional

1. — Como si deve educar o espirito, do Dr. Toulouse, (2.a edição).
2. — Iniciação astrônomica, de Flammarion, ilustrado com 156 gravuras.
3. — Iniciação quimica, de Darzens illust, com 33 gravuras.
4. — Iniciação matemática, de Laisant, ilustr. com 103 gravuras.
5. — Iniciação zoologica, de Brucker, illust, com 165 gravuras.
Catalogo de livros em espanhol, muito instructivos e em edições economicas.
Cada volume brochado 1\$200
Cada volume encadernado 1\$600
Pelo correio mais 200 réis por volume
A. Hampn. Determinismo y responsabilidad.
id. Psicologia del militar profesionnal.
id. Psicologia del socialista-anarquista.
id. Socialismo y anarquismo.
id. El Mal del siglo XX.
Bakounin. Dios y el Estado.
id. Federalismo Socialismo y Antiteologismo.
Barn d'Holbach. Moisés, Jesús y Mahoma.
Büchner. Fuerza y Materia.
id. Luz y vida.
arwin. El origen del Hombre.
id. El origen de las especies, 3 vols.
id. La expresión de las emociones en el hombre y en los animales, 2 vols.
Engels. Origen de la familia, de la propiedad privada y del Estado, 2 vols.
Fabrizi (Luigi). Sindicalismo y anarquismo.
Faure. El dolor universal.
Flaubert. Por los campos y las playas.
Leone. El Sindicalismo.
Maximo Gorki. Los ex-hombres.
id. En la prision.
id. Los Bárbaros. (drama).
id. Los hijos del Sol (drama).
id. En América.
id. Entrevistas.
id. Albergue de noche (drama).
id. Escritos filosóficos y sociales.
Grave. La sociedad futura, 2 vols.
id. El individuo y la sociedad.
id. La sociedad moribunda y la Anarquia.
Haeckel. Los enigmas del Universo, 2 vols.
id. Las maravillas de la vida, 2 vols.
Heine. Los dioses en el destierro.
id. Confesiones y Memorias.
Kropotkin. La conquista del Pan.
id. Las prisiones.
id. Palabras de un rebelde.
id. Campos, fábricas y talleres.
id. El apoyo mutuo un factor de la evolución, 2 vols.
id. La ciencia moderna y el anarquismo.
id. El terror en Rusia.
Malato. Filosofia del anarquismo.
id. La gran huelga (horrores del capitalismo), 2 vols.